



Aveiro--Convento de Jesus. Tumulo de Santa Joanna, Princeza

(Phot. de Marques Abreu.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

r. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 151

Braga, 20 de maio de 1916

Anno III

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



Pegam
o nosso
catalogo
ilustrado
com 143
gravuras,
que se
enviam
gratis.



Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
Exposi-
ções In-
dustriaes
Portugue-
zas de 1887
e 1897.

— **PORTO** —

Rua do Bom Jardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 91 63 —



— **GUARDA** —

Representante depositario
CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodia s, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes obras con-
generos no estrangeiro, e a que mais Igrejas fornece no Con-
tinente, Ilhas, Brazil, etc . . .



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perreira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Yello

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de maio de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 151—Anno III



Cardeal Falconio

(Phot. do Cav. G. Feliei)



Boatos e luar...

VOLTAM os dias de calor e por toda a cidade a vida das tardes se anima de tons claros numerosos, ás cervejarias começam de abancar os afadigados n'uma aberla de sua azafama, e todos na verdade estranham esta mudança rapida do tempo, que grangeou mais attentões que a ida para a guerra e as scenas da vida militar por essa Europa em fóra.

E' curioso: n'esta terra o acontecimento mais importante, tem menos de 40 horas de interesse. Ainda ha pouco se liam preoccupações em todos os rostos, se ouviam plangencias lamentosas cahindo de todas as boccas. Pois vão os senhores vêr o estado de espirito de agora.

—Que ha de intervenção?

E responde um:

—Ora adeus! Não se chega a ir!...

E logo outro:

—Ainda ha tempo para pensar!

E mais outro.

—Que vamos... mas *trop tard*, como convém á prosapia dos lusos valorosos. Não te apoquentes.

E citam-se pelos *mentideros* casos curiosos: a conversa de F., chegado hontem no rapido de Lisboa, com o ministro dos extranjeiros; a pechincha talúda d'aquelle democrático que obteve salvação d'uma fallencia commercial retumbante na administração de certa casa allemã; o numero de padres mobilizados; a pacatez e preguiça dos carbonarios em alistar-se; o que a gente tem visto desde a questão dos tabacos para cá; e depois, leitor, ahí vem a chusma dos boatos. E que chusma! Dia a dia, sempre originaes e sempre novos, os boatos ora attingem os campos de concentração militar—o que por ahí se disse do *caso de Mafra!*—ora batem de chapa nas pessoas de antigos homens publicos monarchicos que vão entrar para o ministerio.

O boato agora é a derivante do pavor. Não podendo eximir-se ás correias, o portuguezinho dá á lingua. É qualquer coisa minúscula lhe serve de pretexto: a solécia do sr. Camacho, um discurso do sr. Antonio José d'Almeida, o espaço em branco das gazetas, a proximidade do 14 de maio, o sr. Leotte do Rêgo, o sr. Machado Santos, eu sei lá! tudo, tudo ser-

ve de mastro de *cocagne* por onde a phantasia dos alviçareiros marinhe como bugios! A's vezes a phantasia.. é realidade: o caso aconteceu effectivamente. Assim se verificou quanto ao pouco estrondo das festas do primeiro anniversario do 14 de maio, que nem sequer a quella retumbancia de morteiros com que sóe anunciar-se aos esquecidos a madrugada do 5 d'outubro e que agora poderia ter a utilidade de affeiçoar os ouvidos dos futuros briosos militares ao ruido dos bombardeamentos.

Mas quantas vezes o boato cinca e sôa falso! Ainda ha poucas horas um espertalhão todo empôfias declarava á porta de um café d'uma villa do norte que tendo ido a Mafra de visita, constatára a extraordinaria previdencia do governo ao vêr, nada mais nada menos, desenrolados ao largo do campo de manobras 3 kilometros de mangedoiras p'ra muares.

—Ficam as cavalgadas empregadas! commentava enrolando um sorriso na espiral azul do fumo do charuto, um escrivão má lingua. E o outro, o das mangedoiras kilométricas, embalucou, como se a referencia o attingisse.

Era já tarde quando, cada qual p'ra seu lado e eu com um amigo a passear, debandou, ao cerrar dos taipaes. Era uma noite de luar purissimo e calmo, e do largo campo onde deambulavamos a fallar de mil coisas, recordações esparsas como a luz da noite, com casos quotidianos da villa e aspectos da vida difficil que ora se vive,—do largo campo, digo, abrangia-se toda uma paysagem cheia de tonalisações, coberta toda ella já pela nevoa azul da noite alta. Longe batiam horas, vinham dos campos os ralos fortes na sua monotonia e tudo aquillo dava realmente vontade de ficar...

Até que de repente nos surgiu um grupo de noctivagos, de guitarra e cantoria, e ouviu-se no silencio o

Vae alta a lua na mansão di a morte...

—O *Noivado*, meu Deus! O *Noivado do sepulchro* a estas horas!... bradou o meu amigo admirador e ledor do Eça.

E virando-se para onde o grupo vinha:

—O' desgraçado!

E fômo-nos deitar...

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

Capellães



VAO partir para a guerra soldados portuguezes, affirmam os jornaes de todas as côres... republicanas, esfalfando-se em logares communs patrioticos, cantando e recantando a nossa historia ida, que julguei sempre morta em cinco d'outubro e que de repente, por licença e obra do snr. Leotte, ahi resurge ominosa e epica, nos prêlos e nos comicios. Não é azado o momento para discutirmos, com serenidade, a grave altitude assumida pelo governo republicano, perante o conflicto europeu, porque na hora incerta que vivemos, todas as bandeiras se devem abater, todas as dissenções se devem calmar, muito embora o exemplo não venha d'onde seria natural viesse, que cada um responde por si, e por todos responderá mais tarde, na hora tranquilla da paz, quem criminosamente nos arrastou a semelhantes aventuras. Por hoje um só dever se impõe a todos nós: Salvar Portugal. Mas se não discutimos o intrincado problema da nossa belligerancia, que um dia — Deus louvado — será riosamente esclarecido, não podemos, não devemos callar certas considerações, agora que ao povo portuguez imperiosamente se exige, em nome da patria, o ultimo dos sacrificios. Agora, que á lavoura faminta se vão roubar os derradeiros braços, que aos lares onde a fome já reina se arrancarão os escassos recursos, que a tanta mãe se pedirão os filhos, a tanta noiva se exigirá o melhor do seu coração, agora que por toda a parte, o mesmo fremito de dever suffoca todos os sentimentos, domina todas as aspirações, seja licito dizer com serenidade, o que é preciso fazer.

Não é justo, não é humano, que a esses bravos, heroicos rapazes, que tudo abandonam pelo dever, que tudo esquecem pela patria se lhes negue o que a sua alma de christãos instantemente reclama. Podem exigir-lhes a vida, impor-lhes que, cobertos de gloria, longe da sua terra por amor e em defeza da terra, morram

sem um carinho dos seus, sem um olhar de piedade, sem uma lagrima amiga, mas não podem, não devem exigir-lhes, que na hora extrema não tenham a seu lado um padre que lhe escute as ultimas vontades, que lhes ampare as derradeiras fraquezas, que desafogue as suas almas das culpas que as mordem, que n'essa hora extrema d'agonia lhes falle do céu, lhes falle do lar perdido, onde uma vaga esperança ainda palpita e floresce. E' preciso, que a cerrar-lhe os olhos, entre os gritos e as imprecações, entre o fumo e os disparos, por entre os escombros e os cacos, esteja alguém que lhes lembre a terra querida, que lhes falle á alma e á saudade, ao coração e á dôr. Alguém onde elles possam vêr os tempos idos da sua vida, onde possam rememorar fugidamente a casa onde nasceram, a capella caiada onde casaram, o cemiterio humilde onde repoisam os seus, alguém, que possa supprir a falta immensa d'um ente querido para lhes receber o derradeiro suspiro.

E só o padre, como ministro d'essa religião sublime que foi tudo na sua vida, só o padre que os baptisou, casou e protegeu, só o padre com as consolações da sua doutrina, a suavidade das suas rezas, as enternecidas palavras do seu Deus, poderá attenuar a dôr profunda d'um martyr, morrendo abandonado, lá longe, muito longe, da sua terra querida.

E' por isso que se torna absolutamente necessario que as tropas portuguezas sigam para os campos de batalha acompanhados de padres capellães, porque não ha o direito d'exigir ao soldado portuguez que tudo sacrifica, na maior e mais heroica abnegação que, abandonando a familia, abdique tambem da sua crença e da sua fé.

Já que para a morte os empurram amordaçando-lhes todas as convicções, suffocando-lhes todos os sentimentos, que ao menos na morte a sua alma possa livremente confiar-se ás bençãos d'um Ministro da sua religião, a sua cabeça possa repoisar nas mãos d'um amigo, para que morra com o seu Deus quem pela sua patria soube morrer.



Não ponhaes em collisão o interesse com a virtude, nem a lei com a opinião.

Mez de Maria



POR ELVIRA NEVES PEREIRA

Surge a aurora apagando
no céu as luminarias.
E a lampada nocturna,
da abobada pendente,
esconde-se soturna,
sentindo o bafo quente
do sol, que vem doirando
do monte as flôres varias.

Sobre o cume elevado,
a imagem de Maria
esse vergel domina,
o povo a abençoar.
O arvoredo se inclina
e a brisa a vem saudar:
a lympha na levada
seu nome pronuncia.

Um hymno harmonioso
lhe enfoam sem cessar.
alegres avesinhas
saltando no arvoredo.
Traz-lhe o vento florinhas,
quebrando no fraguedo,
qual órgão magestoso
ouve-se ao longe o mar.

E' maio, o mez formoso
ã Virgem consagrado,
a quem sorri cantando
e fita meigamente:
que passa mafizando
o solo—o mez fulgente,
o mez esplendoroso,
alegre e perfumado.

Mez em que a Natureza
paga os tributos seus.
Mez em que as proprias flores
vão, como vassallagem
harmonizando as côres
co'o ciciar da aragem,
depôr sua belleza
aos pés da Mãe de Deus.

Braga, maio de 1916.

Riscos...



III

Angelus

POR JOSÉ BRANDÃO,



VAE o sol a morrer n'uma agonia de
fogo...

E a esta hora suave do fim da
tarde, a esta hora em que uma doce espiritua-
lidade parece envolver a vida da gente, eu
aprendo e sinto toda a ideia da *tristitia rerum*,
a melancholia vaga das coisas que, ao delicado
esbatido chromatico do crepusculo, parecem vi-
ver, ter uma alma e sentir...

O sol esbraseando vidraças n'uma ultima
convulsão de vida, tem um desespero ao mor-
rer, de morrer...

Vae pelo ar vibrando mas enfraquecendo a
ultima nota d'uma cantiga que se apaga longe,
lá para as bandas do *Penedo*, no valle da me-
ditação e do silencio...

A' beira dos caminhos, pecegueiros em
flôr, macieiras floridas põem notas alegres na
paysagem, pincelladas de luz e de côr no elaro-
escuro do crepusculo...

E passa um bando chilreante de pardaes,
batendo as azas sobre uma serra ondulante
como um bello mar verde que Deus ha-de de-
ixar alourar, em tons d'ouro velho, para o *pão
nosso de cada dia*, para a gula dos pardalitos
chilreantes...

D'uma velha bica de pedra, limosa e es-
beijada, corre um fio d'agua cantante que vae
perder-se mais abaixo, n'um campo de trevo.

Ao longe, d'um casal perdido, aninhado
entre pinheiros, sobe o fumo que vae confun-
dir-se com as nuvens na doce, na tranquillã
quietude do ar...

Cahem em pancadas profundas e sentidas
as badaladas d'um sino, coração d'aldeia, em-
quanto o coração, sino da gente, bate tambem
o seu *angelus* de amor e sentimento...

E da terra e da gente, das coisas e das al-
mas, sobe aos pés do Senhor uma oração, na
profunda e religiosa paz do crepusculo...

... E ha-de ser por uma hora d'estas, suave
de côr, de perfume e de luz, que Deus aben-
çoará a minha união com Aquella que os meus
olhos encontraram e que a minha alma esco-
lheu para companheira da minha vida...

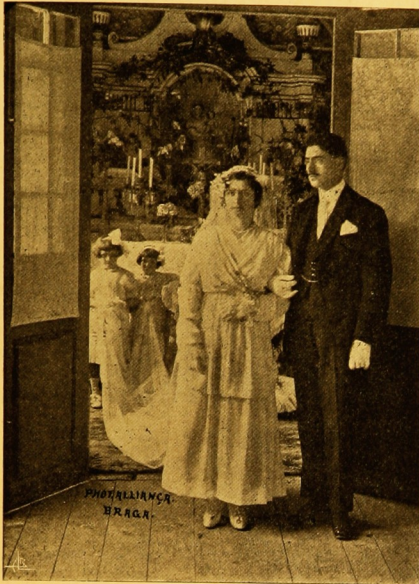
Coimbra—Cellas—Maio de 1916.



FACTOS



Porto-Exposição Battistini

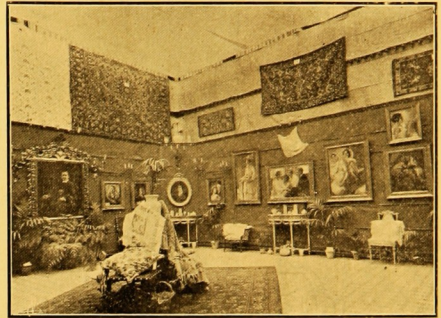


Os noivos

Consoberaram-se ha dias, na capella particular da Quinta de Souto, em Parada de Tibães, o snr. Mario Rodrigeus Sequeira da Silva, com a Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição Ferreira Carmo Calheiros.

Lançou a benção nupcial o rev. parcho da freguezia de Parada.

Os noivos partiram para o Bom Jesus em viagem.



Um aspecto do salão

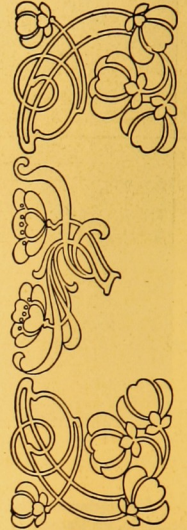
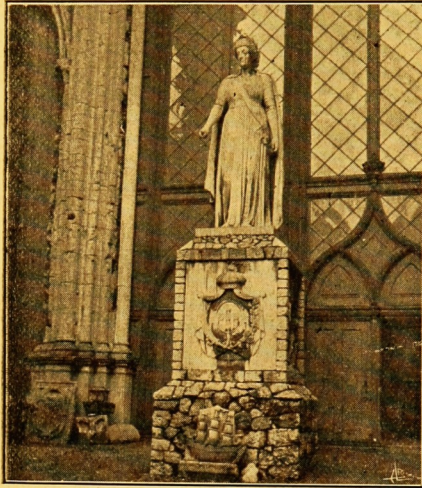
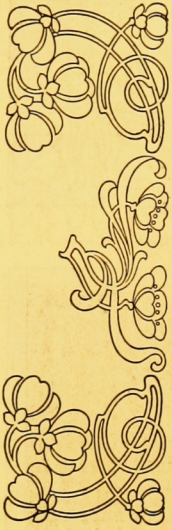


Outro aspecto do salão

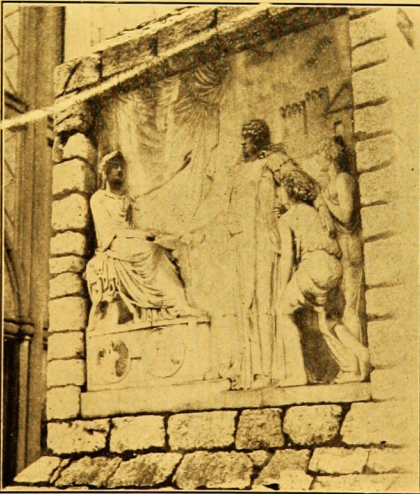


Mafosinhos—O rev. Abbade no dia da visita paschal

PORTUGAL ARTISZICO

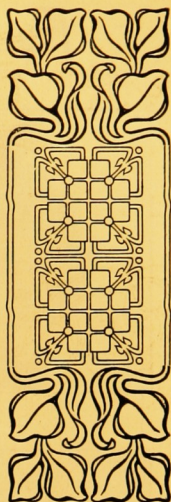
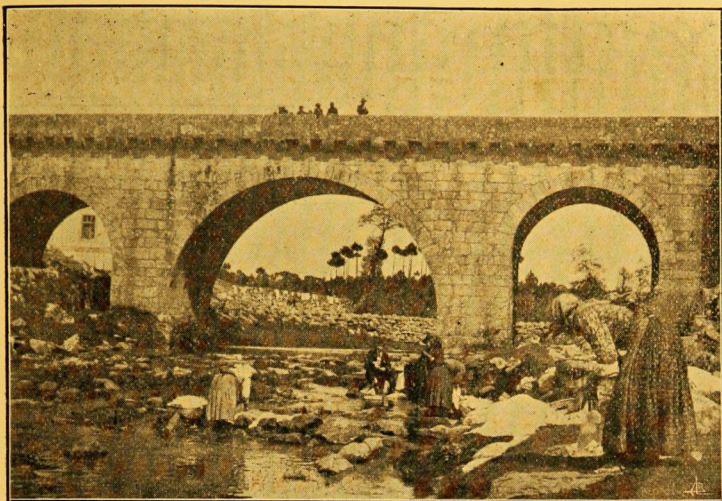


Lisboa—Museu Archeologico. Estatua de D. Maria I



Museu Archeologico—Baixos relevos do Monumento de D. Maria I

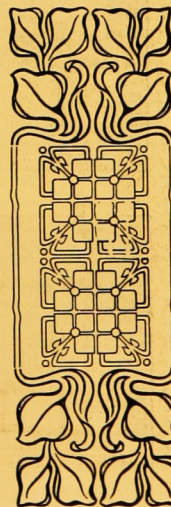
(Photos. de Viriato Silva.)



1. Tondella—Ponte sobre o rio Dão.

2. Entrada de Villa Nova d'Ourem—Estrada da Ponte dos Conegos.
(Phot. de Mendes Santos)

3. Gouveia—Rua da Povoação de Nespereira.



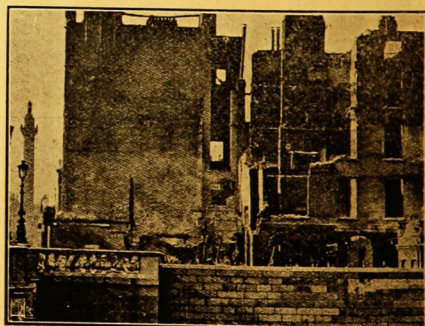
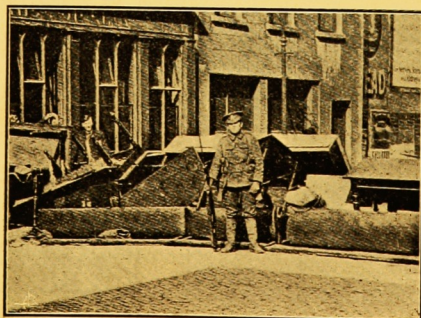
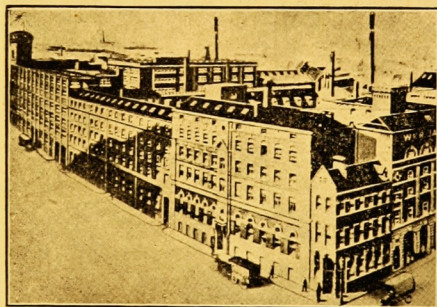
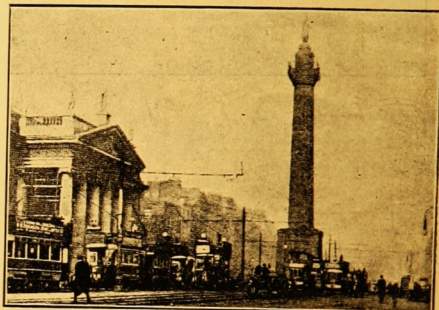
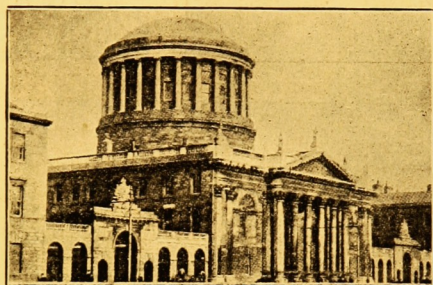
A revolta da Irlanda

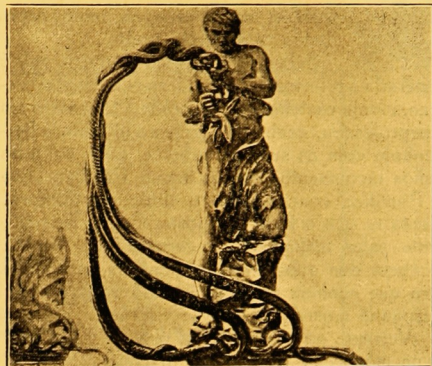
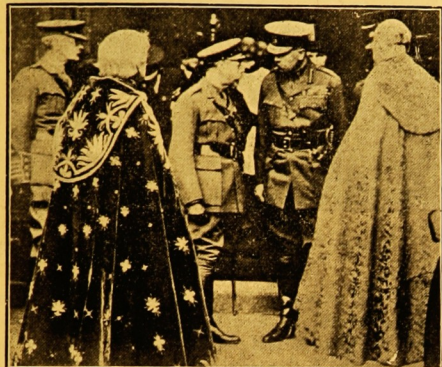


A condessa de Markievicz,
que combatteu juntamente com os
revolucionarios.

O instigador da rebelião irlandeza,
Sir Roger Casement.

[Alguns dos edificios occupados
pelos rebeldes durante a revolta.





- 1.—Um solenne tributo. O rei de Inglaterra saindo da Abbadia de Westminster ao lado de Lord Kitchener.
- 2.—A espada de honra offercida ao principe herdeiro da Servia pelos francezes.
- 3.—O alarme. Os artilheiros ingleses dirigindo-se a toda a pressa, para junto dos canhões-automoveis para dar caça aos aeroplanos allemães.
- 4.—Lormesfort. Casas destruidas pelas bombas dos dirigiveis allemães.
- 5.—A chegada a Marsella dos contingentes russos.



Amuletos da guerra

(Conclusão)



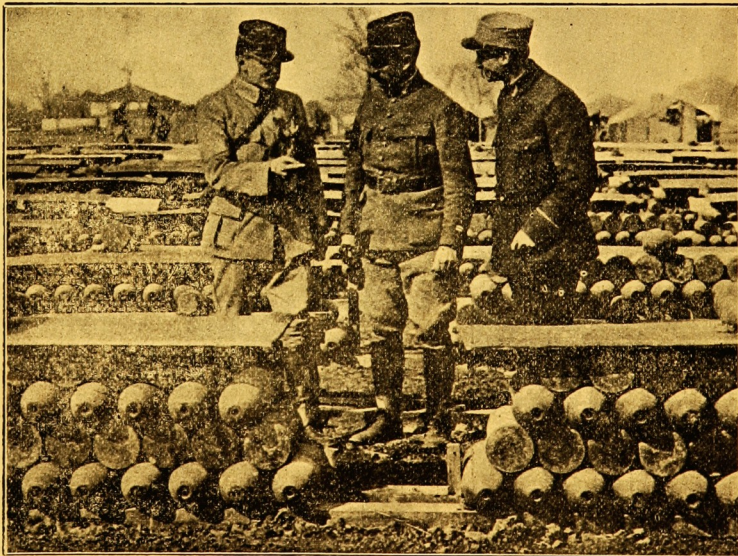
POR EDUARDO DE NORONHA

TAMBEM em Hespanha anda espalhada a seguinte lenda:

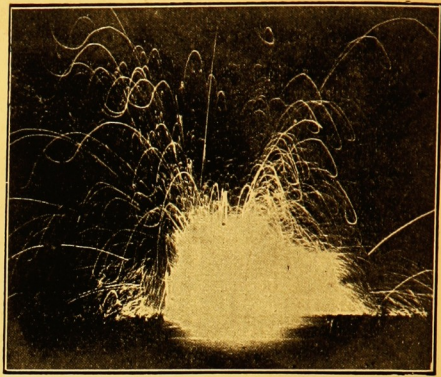
Sabem todos como n'aquelle paiz é venerada a reformadora do Carmello, Santa Thereza, monja castelhana que, desde 1534, anno em que professou, encheu a Egreja e a litteratura hespanhola com as suas virtudes e com os mais bellos monumentos da sua lingua. Por excepção o Pontifice concedeu-lhe o titulo de doutora. Conta-se que á hora da morte, Santa Thereza, grata pelas distincções e carinho que sempre recebera dos soberanos hespanhoes, prophetizara que nenhum principe elevado ao throno de Hespanha morreria de morte violenta.

Verdade ou coincidência, o caso é que nenhum monarcha hespanhol, diversos alvos de repetidos atentados, como, por exemplo, o actual soberano, tem succumbido aos golpes dos regicidas, salvando-se algumas vezes por milagre, como succedeu por occasião do casamento de D. Affonso XIII com a rainha Victoria.

Entre os casos mais curiosos do globo, cita-se o occorrido no duello entre Paul Cassagnac e Henri Rochefort. Este, republicano, insultara com vehemencia aquelle, imperialista.



Na reserva—Salonica. Balas de canhões armazenadas nos arredores d'aquella cidade



O clarão produzido pela bomba d'um foguete allemão junto ás trincheiras inglezas

Não nos accode se na Camara, se no jornal, na *Lanterne*. O director de *l'Auclorité* envia sem demora os seus segundos ao famoso polemista. As testemunhas aprasam um duello, á pistola, que se poderia considerar de morte, de tal maneira a distancia entre os adversarios era certa, e a pericia de ambos no manejo d'essa arma era completa.

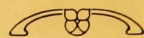
Collocados em frente um do outro, os par-drinhos verificaram se algum dos contendores tem alguma coisa que possa representar superioridade sobre o outro.

Paul Cassagnac tira do pescoço uma medalhinha da Virgem que traz sempre comsigo. Mette-a na algebeira do collete. Aprestam-se as pistolas. A' voz de fogo ambos disparam. Paul

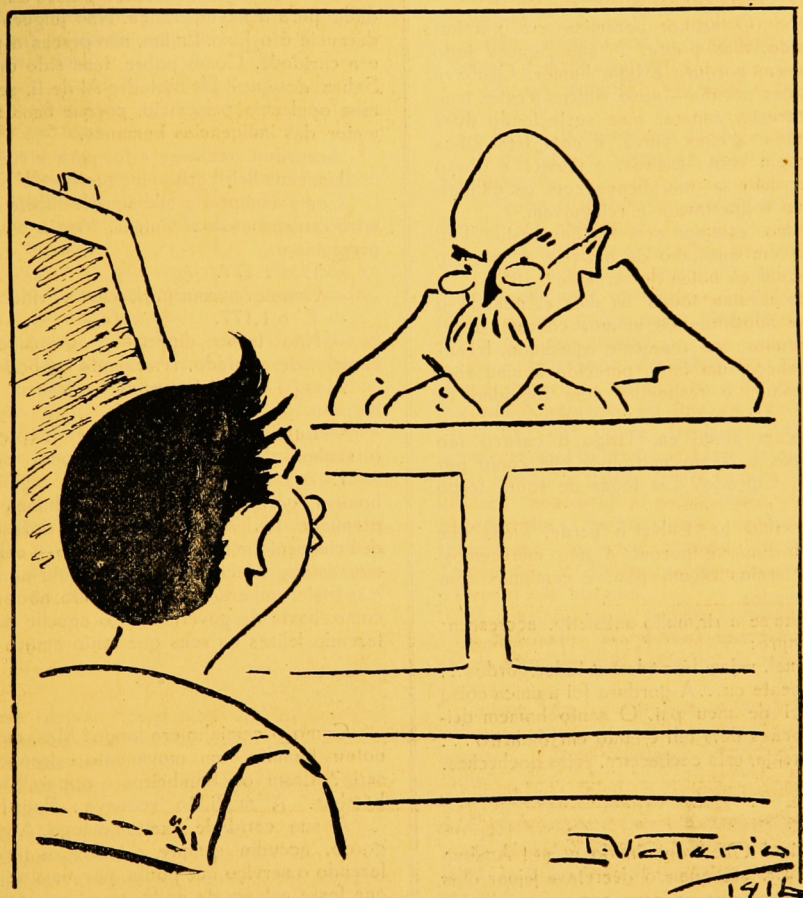
Cassagnac cambaleia e é derrubado. Todos correm para elle. Passado o primeiro momento, o deputado bonapartista levanta-se illezo e... furioso. A bala achatará-se de encontro á medalhinha. Se não esbarra com essa cou-raça provincial o projectil atravessava-lhe o figado.

O incidente não pode ser duvidoso. Vem citado em quasi todos os codigos de duello.

A fê é que nos salva,



Exame



—Conhece algum animal que só apareça de noite?

—O guarda nocturno da minha rua!...

A SORTE GRANDE

POR JOSÉ AGOSTINHO.



QUE felicidade! Pois não lhe sahira a sorte grande?

O senhor Jeremias era um homem gordo, mas pobre. A sua riqueza toda consistia em gordura e bom humor. Ganhava nove tostões por dia—nove vintens n'estes tempos de carestia áspera, mas sustentando duas irmãs, uma d'ellas viuva, e com tres filhos que comiam como frieiras, o illustre e obeso cavalheiro não se mortificava com as difficuldades que o apertavam e retalhavam.

—Mano, estamos sem ter que vestir! Tio, eu queria um queijinho de dez-reis. E' preciso mandar solar as botas do Arnaldo!

Ouvia d'estas todos os dias e, quando o cotão lhe substitua os ultimos cobres, o senhor Jeremias, tão rijamente assediado, levantava a cabeça, um tanto parecida a uma abóbora menina, e respondia com dignidade e chiste:

—Façam como eu, Trago o casaco tão delido, que o vento entra por elle como por um crivo. Calçado? Em lugar de solas, trago papelões.

Onde não ha, El-Rei o perde, Deus que não dá fortuna, é porque a não merecemos. Muito é termos algum pão, e caminhas com lençoes lavados.

E punha-se a rir, muito satisfeito, accrescentando sempre:

— Afinal, vejam lá, andamos todos gordos... principalmente eu... A gordura foi a unica coisa que herdei de meu pai. O santo homem deixou-me apenas dois mil e tanto em dinheiro... e esta barriga, esta cachaceira, estas bochechas.

Jeremias! Que ironia a do nome! Andava sempre a rir, até quando decretava jejuar dias seguidos para que os seus comessem alguma coisa, pão secco que fosse.

Só teve um dia de seriedade funebre—foi quando lhe sahia a sorte grande, doze contos de reis, o sonho chronico de tanta gente!

Como comprara a cautella, elle, tão económico? Fora por causa d'um sonho. Adormeceu a rezar a S. Martinho, o santo Bispo que dera a sua capa a um pobre. E sonhou que o glorioso Prelado, esplendido de manto, baculo e mitra, lhe apparecia n'um grande throno, e que o chamava e lhe dizia:

—Jeremias, compra o numero 1.177....

Vaas ser rico, Mas olha que a riqueza é maior provação do que a pobreza. Cautella com a soberba e com a vaidade. Cautella com a monomania da grandeza. Não passes da sobriedade para a intemperança. Não julgues que a decencia é o luxo. Emfim, não percas a piedade e a caridade. Como pobre, tens sido opulento. Sabes de que? De virtude. Ai de ti, se trocas essa opulencia pelo vicio, porque ficas tendo a maior das indigencias humanas.

Accordou, vestiu-se e foi para a rua.

Um cautelleiro gritou-lhe perto:—E' o 1.177.

Como compraria elle aquella bilhete? Tinha no bolso apenas doze vintens. Mas o cautelleiro perseguia-o:

—E' o 1.177.

—Quanto? murmurou Jeremias, livido, afflicto.

—E' o 1.177.

—Não tenho dinheiro... gemeu o pobre homem, desalentado, remexendo os bolsos.

Mas o cautelleiro, affavel e franco,olveu-lhe:

—Eu fio! eu fio! Ora! Quem não conhece o senhor Jeremias, honesto como poucos?

E o bilhete passou para a algibeira do homem gordo e pobre. E o bilhete sahio premiado. E Jeremias foi receber doze contos, deu cincoenta mil reis ao cautelleiro—enthusiasmo do agradecimento!—e seguiu para casa, mas triste, embaraçado, confundido, não sabendo como havia de governar todo aquelle dinheiro, fazendo felizes os seus que tanto amava!

Como o caminho era longo! Mas, na praça, notou tumulto, um movimento estranho. Que seria? Eram os bombeiros a apparelharem as bombas. A multidão vozeava: Fogo! fogo!

A sua caridade excitou-o logo. Apesar de gordo, accudia sempre a todos os incendios, fazendo o serviço que podia, por mais adiantada que fosse a hora da noite, se a catastrophe se dava de noite. Era irreprehensivel de zelo e disciplina no seu emprego. Mas, se, estando no escriptorio, ouvia tocar a incendio, sahia sem licença, angustiado, offegante, vertiginoso, e só voltava quando as chammas eram vencidas.

—Fogo? perguntou elle, pallido e convulso. E onde é?

Uma mulher descalça ouviu a pergunta, e respondeu com espanto:

—Pois não sabe? Mas é mesmo em sua casa, senhor Jeremias!

O incendio rebentara formidavel. Donde? Ninguem sabia. As labaredas abraçaram todo o corpo central do predio, devorando logo a escada ao estridor da claraboia que desabou, desappoiada, em pezo, como um chapeu enorme a quem, de subito, falta a cabeça.

O fumo, negro e espesso, mal era cortado pela claridade sinistra d'aquellas linguas que ondulavam, deixavam traços de carvão em brasa, serpenteando, desvaivando-se com as explosões que, de chofre, detonavam aqui e alli, junto às paredes, como gazes junto às costellas d'um thorax invadido em toda a parte por uma febre assoladora.

—Uma escada!—gritou, cadaverico, o Jeremias, apontando a janella onde via os seus imersos em fumo.

E, apontando outras janellas, tornou:

—E tambem para acolá. Os meus visinhos morrem queimados. Escadas! escadas!

Emfim, arrancando a escada a um bombeiro esbofado, bradou:

—Vou ver se salvo os mejs. Mas não se esqueçam dos meus vizinhos do primeiro andar. A porta é um mar de fogo.

E começou a subir. Mas, n'isto, despegou-se um pedaço de cornija e, fumegante, veio bater-lhe no hombro, fê-lo cambalear e logo cahir. A multidão gritou e correu para elle. Tinha um braço partido, e perdera os sentidos. Levaram-no n'uma velha maca. Depois, deitado no leito do hospital, foi voltando a si, pouco e pouco, e logo quiz erguer-se.

Mas tambem esfiara um pé. Sentia dores horriveis, uma febre intensa e crua. Immobili-sou-se, a rezar, e esperou, contendo o coração com a unica mão que tinha livre.

Horas depois, perguntava ao enfermeiro:

—Que ha do incendio?

—A casa ardeu toda.

Jeremias ficou muito grave, e disse quasi a meia voz:

—Houve victimas?

—Algumas.

Jeremias conteve a anciedade, pareceu reflectir e tornou:

—Alguem da minha familia?

O enfermeiro callou-se, carregando o sobrolho, e sahio de arremesso, estrangulado de afflicção, Jeremias comprehendeu. O silencio e a retirada brusca diziam catastrophe. Ia a chamar, quando entrou um padre. Era o cura da freguezia. Vinha branco de dor e tristeza. Apoz elle, seguia o medico, muito fatigado, com o ar de quem acaba de assistir a muitos estertores sem remedio.

E Jeremias perguntou ao cura, laconicamente com frieza estranha:

—Enterrou-os, ao menos, no mansoleu de meus pais?

—Animo, meu filho — respondeu o cura, de olhos cheios de lagrimas. Lá descansam todos. Ainda pude ungir sua irmã mais velha.

Jeremias, verdenegro de angustia, conteve-se quanto pôde, e perguntou ainda:

—E os pequenitos?

—Morreram, como as senhoras, mais asphyxiados do que queimados —olveu o medico, fumando nervosamente, e não encarando o desgraçado.

Então Jeremias sorriu, abanando lentamente a cabeça e disse ao medico:

—E eu, doutor? Não terei a fortuna de morrer d'isto?

—Não — respondeu o doutor com firmeza.

A fractura é curavel, a entorse de pressa desaparece.

—Então eu sobrevivo aos meus?! — accudiu elle com assombro.

—Decerto, não querendo Deus o contrario.

—Ah! mas para que vivo eu agora? — rompeu Jeremias com algum desespero. Estou rico... e fico pobre como ninguem... Pobre! Como hoje sou pobre!

Mas, reflectindo, desfechou uma especie de risada, e pareceu resignar-se, e soltou com vigor muitas palavras, em tom de chiste:

—Eh! eh! pobre Jeremias. Não sabes agradecer as venturas que Deus te dá. Perdi uma familia e ganhei outra muito maior, os infelizes soccorridos pela Santa Casa da Misericordia. Senhor cura, senhor doutor, sahiram-me na sorte grande doze contos. Tomem-nos lá. Estão no bolso falso. São dos pobres d'este hospital.

E concluiu, muito risonho e calmo:

—Louvado seja Deus, que me volta a antiga alegria. Que havia eu de fazer a tanto dinheiro?

Disse isto, pediu que o aconchegassem voltou-se para a parede, soltou tres grandes suspiros, e ficou immovel, inteiriçando-se logo todo.

—Morreria? perguntou baixinho o cura, de voz entrecortada e pungida, persignando-se.

O medico examinou lentamente o finado, e disse, a meia voz, de cabeça baixa, cavernosamente.

—Morto!

—E de quê, doutor? — tornou o cura.

—De angustia... Talvez alguma aneurisma...

—*Requiescat in pace*.....

E o cura, a tremer e a soluçar, ajoelhou á beira d'aquelle leito, com a mesma commoção que sentia ao curvar-se diante do altar d'um santo, do santo mais predilecto das suas devoções piedosas.



Convento de S. Agostinho



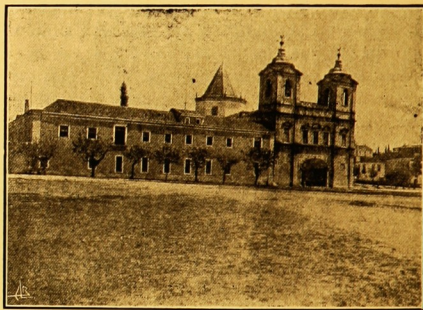
Este é o monumento religioso mais antigo d'esta villa. Em 1266, quando já tinha sido dado foral á villa de Extremoz, obteve o Provincial dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, licença do Rei D. Affonso 3.^o para fundar em Portugal trez conventos da sua Ordem, devendo um ser construido junto do Castello d'aquella villa, mas o referido Provincial, gostando muito da amenidade d'aquella então aldeia de *Valle Viçoso*, mudou de resolução e obtida licença do Bispo de Evora, D. Durando, fundou n'ella o convento, sendo collocada a primeira pedra para esta construcção no dia 5 de maio de 1267, por Fr. Felix, que ficou sendo a primeira auctoridade do convento com o titulo de Prior.

Até ao seculo XVII só houve em Portugal eremitas descalços. Porém Fr. Manuel da Conceição, natural de Villa Viçosa, subdividiu esta Ordem, por meio d'uma reforma, em Eremitas *Descalços* cuja primeira casa foi em Lisboa, no sitio do Grillo e em *Calçados*, sob o titulo de Gracianos por terem por Padroeira N. S. da Graça.

A licença obtida pelo referido Provincial foi para a fundação de tres conventos: um em Extremoz, outro em Abrantes e outro em Torres Vedras, sendo estes dois ultimos fundados nas respectivas villas, com excepção do primeiro pelo motivo acima exposto.

O monarcha ficou tão satisfeito com a fundação do convento em Villa Viçosa que em 1270, passados tres annos apenas, elevou-a á cathogoria de concelho, dando-lhe foral. Foi de pequenas dimensões a primitiva construcção, no mesmo local onde hoje ainda se encontra, ao norte da villa. A entrada principal da igreja do convento é que soffreu reforma, pois primitivamente era do lado do sul, no largo chamado de Santo Agostinho, que era o adro d'essa igreja, sendo mais tarde mudada, a instancias dos Duques de Bragança para a fronteira da

5 igreja, em frente da qual os Duques fizeram um amplo largo, visto o palacio, seu solar, se encontrar alli construido desde 1571, e cuja construcção foi iniciada por D. Jayme. A entrada foi construida com uma especie de alpendre á frente ou pateo fechado por grades de ferro encimadas pelas armas ou insignias da Ordem. A primitiva construcção do convento era tão acanhada que só tinha capacidade para vinte frades. Mas decorridos vinte e oito annos, como a população da villa ia augmentando devido á grande quantidade de colonos que a tinham vindo habitar por causa da feracidade dos seus terrenos, pediu o Provincial nova licença ao Rei D. Diniz para ampliar o convento com mais 6 celas, o que obteve. Este soberano tanto protegeu este convento que deixou-lhe em testamento 100 libras para suffragios pela sua alma. O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira muito



Convento de S. Agostinho

beneficiou tambem este convento, pois mandou reconstruir a capella-mór da igreja e mandou acrescentar ao convento novos dormitorios, com dimensões mais desafogadas, de forma a poder dar agasalho a uns 40 religiosos; augmentou-lhes os rendimentos com uma herdade que lhes doou mais tarde, a qual os frades venderam por 2.000\$000 reis ao secretario da Duqueza D. Catharina, Affonso de Lucena, que foi o instituidor da *Quinta de Peixinhas*.

N'este convento se hospedavam muitos personagens illustres taes como: O Conde de Cambridge, Edmundo, em 1382, o commen-

ador-mór da Ordem de Aviz, D. Vasco Porcalho, em 1384, alguns bispos e outros.

Depois que a Casa de Bragança se installou definitivamente n'esta villa, é que o convento começou a progredir, porque os Duques, affeiçoando-se-lhes, constituíram-se seus padroeiros e escolheram a igreja para seu pantheon. D. Jayme restaurou-lhe os claustros, as officinas, os celleiros, as adegas e refeitórios; D. Theodosio I, seu filho, reedificou-lhe a fachada exterior, o côro e o frontespicio da igreja, e impetrou do Pontífice, Pio VII, auctorisção para instituir n'este convento uma Universidade para cujo fim mandou edificar algumas casas contiguas ao convento para as aulas, as quaes chegaram a funcionar isoladamente: portuguez, latim, grego e rhetorica. Porém o duque D. João II, depois Rei de Portugal, D. João IV, foi quem mais longe levou a sua generosidade a favor d'este convento, mandando-o reformar quasi desde os alicerces, dando-lhe mais grandezas e riquezas, que o tornaram sumptuoso para aquella epocha.

Esta nova reedificação teve inicio em 14 de julho de 1683. Devido porém á guerra da Restauração foram bastante morosas estas obras. Por isso, só em 1677 é que a igreja respectiva ficou em condições de n'ella collocar as ossadas dos seus ascendentes varões, nos seis mausoleus alli construidos para lhes servirem de jazigos, na capella-mór. (1)

Os frades possuíam no convento muitos livros que constituíam uma boa bibliotheca.

Tem este convento oito janellas de peitoril nas cellas do andar superior e duas sacadas no fim dos corredores, sobre os claustros. A entrada para o convento era e é ainda feita por uma bonita, ampla e bem lançada escada dupla de marmore branco e que é a mesma que dá accesso ao quartel de cavallaria 10 que hoje alli está installado. Tem soffrido este convento varias transformações, principalmente em 1890, quando n'elle esteve a Escola Pratica de Cavallaria, que foi creada por Decreto de 27 de Abril do referido anno d'onde sahíu ha annos para Vendas Novas.

Hoje encontra-se interiormente completamente modificado e diz-se que é o melhor quartel

(1) Brevemente me referirei de novo a estes mausoleus e farei sua descripção, quando tratar da construcção da igreja.

militar da provincia, Completam-se hoje portanto, 646 annos que se principiou a edificar em Villa Viçosa o convento dos Gracianos Calçados.

Souzel, 5 de maio de 1916.

P.º ALBERTO GONÇALVES.



Avé-Maria



Oração dos pequeninos,
Dos Anjos, dos peccadores
—Sabem-n'a até os nossos sinos
E os echos dos arredores...

A nossa bocca ao reza-la,
Fica tão doce e tão pura,
Como se beijos da Altura
Descessem para beija-la!

E alma, captiva do encanto
De aquella divina Preece,
Fecha as azas, limpa o pranto,
E mansamente adormece...

Bem dita, bem dita aquella
Que me ensinara, creança,
A ter na dor — essa Esp'rança;
A ter na vida — essa Estrella!

— E ha tanta dor que não sabe
Quanto amor ha e alegria
N'aquella asa de Luz — *Avé!*
No céu que se abre — *Maria!*

II—916.

TEIXEIRA PINTO.



Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos



APOZ um combate de que sahiu victorioso, o duque de Guise exproboou ao fidalgo Vilandry, a covardia de se occultar quando todos ardidamente combatiam. Vilandry, respondeu:

Eu estava n'um logar onde não ousarieis apparecer.

Encolerisado, o duque ameaçou-o com castigo rigoroso. Vilandry tornou-lhe serenamente:

—Não vos encoloriseis. Durante o combate estive de guarda á bagagem, logar onde o vosso valor vos não permittiria estar.

A mentira

Costumava dizer o rei Affonso de Aragão:

—A mentira sempre vem da bocca, ou dos muito instruidos, ou dos que tenham viajado muito, ou dos que tenham vivido muitos annos.

Sem musica!

N'um dos muitos recontros com os mouros ficaram captivos em Azamor alguns valentes portuguezes, que foram conduzidos para a cidade ao som de anafis. Tendo a musica cessado ás portas da cidade, João Dias recusou-se a entrar. Perguntando-lhe os mouros a razão, respondeu:

—Porque não parece justo que vindo nós com musica até aqui, entremos agora sem ella na cidade.

O alcaide concordou que o portuguez tinha razão e mandou que fôsse continuando a musica.

Condestavel de Bourbon

Um fidalgo hespanhol foi convidado pelo imperador Carlos V a ceder o seu palacio ao condestavel de Bourbon, que, sendo francez, combatia contra a França. O fidalgo hespanhol respondeu:

—Eu o receberei em minha casa por obediência, mas desde já peço a V. M. a permissão de queimar o meu palacio, logo que o duque tiver sahido, não me podendo resolver a occupar jámais a casa onde habitou um traidor.

O duque d'Orléans

Um abba de muito distincto mas de ruim fama, disse ao duque d'Orléans, então Regente:

—Senhor, eu ficarei deshonrado se me não fizerdes bispo.

Respondeu o duque:

—Antes vós o fiquéis do que eu.

Amizade

Os antigos representaram a Amizade debaixo do symbolo d'uma corôa de romeira.

A sua côr, que nunca muda, exprime a constancia que deve esperar-se d'um amigo; o fructo, que tem o coração aberto, e os seus grãos unidos indicam as condições da verdadeira Amizade.

Artilharia no mar

João Gonçalves Zarco que, com Tristão Vaz, descobriu a Madeira, foi o primeiro que no mar fez uso da artilharia. O poeta Manuel Thomaz conservou do facto lembrança na sua historia *Insulana*:

Bem é verdade que este Lusitano
Primeiro foi no mar com nome eterno
Que usou da dura fruta de Vulcano
E do salitrado aljofar do inferno.

O mais estimado

Era mais estimado em Roma Fabio Maximo do que Marcello. Os romanos chamavam ao primeiro—*Escudo da Republica*, e ao segundo—*Espada de Roma*, porque um sabia conservar as conquistas e o outro adquiri-las.

Não ha ninguem que não levante as mãos ao ceo quando está em perigo.— *Caraccioli*.

O mundo inteiro é o arbitro da fama d'uma nação. Elle observa com milhares de olhos todas as acções, e do testemunho colectivo dos povos é que depende a gloria ou vergonha d'um paiz.— *J. Washington*.

TITO FLAVIO.